

Anadia, 3 de dezembro de 1974.

Meu estimado AMIGO

Juan de Ca.

A sua carta, por ter demorado, chegou tarde para ser apresentada protocolarmente à Associação; mas é um documento de tal modo valioso que o vou mostrar à Direcção logo que volte a Lisboa, que será para o dia 18 deste mês. Não de gostar de o ler, como eu gostei. Não conheço o ritual destas consagrações, mas desejaria que a posse dos dois fosse festejada sob o signo da confraternização luso-galega. E eu não posso omitir-me nessa festa, como deve calcular.

Depois de ler por 3 vezes o trabalho do P. Santalla sobre a integração linguística galego-portuguesa, permiti-me fazer-lhe algumas sugestões sobretudo no capítulo das nasais, que é o problema mais importante. O exemplo da sua escrita, nos seus 2 livros de versos, foi para mim decisivo. Para evitar grandes objecções, de começo talvez fosse prudente manter a terminação -om. Assim, escreveríamos: nom, entom, posicom, questom (e não questião, que seria inaceitável). Para os plurais asariamos as desinências clássicas -oens ou -ões, se quiséssemos impôr o til, que acho aliás indispensável em ua. Também usaria-mos tam em vez de tão, cam por cão, pam por pão. Para -anum usar -ao: mao, irmao, etc. Depois do 1º embate, logo veríamos como proceder. Gostaria de saber a sua opinião a este respeito, uma vez que pensa mexer na questão. Escusado será dizer-lhe que estou com muito interesse ~~em conhecer a sua opinião~~. Um abraço cordial de

M. L.

11 de Fevereiro, 75

Meu caro Rodrigues Lapa:

Desculpe o atraso desta resposta à sua carta de 7 de Janeiro, recebida há quase um mês, na que me comunicava o bom sucesso da sua iniciativa de candidatar o meu humilde nome para a lista de Associações Portuguesa de Emigrantes. Como o meu Amigo me anunciava que essa alta honra se-me ia comunicada oficialmente pela Comissão Directiva da Associação, eu fui protelando a resposta à sua carta até esta comunicação chegar. Hoje, como ainda não chegou, resolvi não adiar mais a expressão da minha gratidão pessoal pelos seus esforços.

Eu, de vontade, saí para a Portugal no início de Junho, entre dias, 5 e 8. Julgo que talvez antes da minha partida a Associação me informara de maneira como eu tenho que agir para efectuar a minha admissão. Gostava de saber, também, antes da minha chegada a respeito dessa homenagem ou cari

minha em que o meu Avô fala em terci
que faz uso da palavra. Assista também
o Pedrayo? Segundo me dizem está já muito
frágil.

Concordo consigo inteiramente nas soluções
que, na sua carta de 3 de Dezembro passado,
sugere de manterem a terminação em - com
o plural em om, que julgo encontraria menos
resistência que os. Haveria, de mais, que au-
dar com certa cautela em o til, que muitos
achariam exótico - embora um primeiro passo
para a frente seja que se a aceitação
dessa diphthong em ia - coisa relativamente
fácil por a presente e vigente solução
de nasal nessa palavra inha e manifestamente
indispensável. O tam por tã, can
por cã, etc., parece-me igualmente fácil.
E não se diga a solução de anum em
as, que é perfeita, visto uma grande par-
te da galiza usar essa forma, profunde-
mente a imã e man. Infelizmente o
Pe. Santalla nunca chegou a me enviar o
haballo sobre a integração linguística
galizo-portuguesa. Prometera, isso sim,
mas nunca me chegou. Talvez, se hes-
malhame nos meios!

Tilo por aqui, esperando as tuas sempre
benévolas notícias.

Amago muito Affonso de Mulhena

Estoril, 14 de Julho/80

Querido e admirado Mestre Lapa:

Recebi as suas duas cartas de 4 e 19 do mes em curso. Não lhe escrevi até agora por ter sofrido no entretanto uma intervenção cirúrgica, que felizmente não passou de um incómodo, do qual já estou em franca convalescência, Deus seja louvado. Tu tinha reparado numa espécie de abscesso num testículo, e um exame médico revelou a existência de dois hidroceles (quistos de água, inócuos), um maior o outro muito pequeno. O meu médico e amigo Luís Vaz Pinto, cirurgião Chefe da Clínica de S. Lucas, aconselhou a extirpação - e, novinho "do trinque", como se diz na Galiza, ou "em folha", como se diz por aqui. Como vai a sua canela?, suponho que totalmente restabelecida.

Muito agradeço o envio dos endereços da Luciana e do Pe. Santalha. Poucos dias antes da minha operação devolvi o folheto das "Normas ortográficas", da Xunta da Galiza. Fiquei um bocado inquieto pelo facto de o meu Amigo, fazer referência à recepção de A NOSA TRRRA e não à do tal folheto. Chegou? Diga o que houver, para eu ficar tranquilo. Remeti hoje o ultimo número daquele semanário, onde um compatriota português responde às tolices do Cunqueiro, numa carta à Redacção do hebdomadário, na qual entre outras coisas aponta ao facto animador, por mim apontado nas nossas conversas do Leão de Ouro, da crescente "lusitanização" do vocabulário e a morfologia do galego usado no jornal em questão.

Ha poucos dias recebi uma longa carta do Pe. Estravís. Na que junta cópia xerografica de duas laudas de verbetes do Dicionario Galego que ele, com uma equipe de rapazes novos da Galiza está a preparar. Ele, que comunga inteiramente com as nossas teses, fala também da necessidade de ir neste assunto com uma certa cautela. A sua fórmula parece-me habil e eficaz. Consiste em usas no cabeçalho de entrada de cada palavra a forma galega habitualmente aceite e logo a seguir aquela que eventualmente deve prevalecer, que é a que coincide com a portuguesa (lh, nh, ç, j, g, v). Isso parece-me uma boa solução temporária, que abrirá caminho na direcção por nós desejada, evitando por enquanto o franco-enfrentamento, poraue como elle sublinha, as editoras são reacias à mudança radical da estapafúrdia grafia em uso, pois "os preconceitos son moitos", como corrobora o caso do nosso transviado amigo Del Riego, citado pelo meu Mestre, e que se permitiu galeguizar a grafia dos meus poemas incluídos na recente e estouvada "Antoloxía da Poesía Galega" da sua autoria. Que diferente a carta do humilde e perplexo Fernández Sucasas, tão lucida! As "normas" da Xunta têm uma grande vantagem, oriunda da sua própria vaguedade e liberdade de opção. Tu, parece-me que no meu DICIONÁRIO DE SINÓNIMOS DA LINGUA GALEGA, que continua avançando (já estou a acabar o A), vou adoptar a posição cautelosa e maquiavélica do Pe. Estravís. Com a diferença de que na questão do léxico vou ser muito mais atrevido do que ele, visto eu estar a incluir entre os sinónimos todos os da língua culta portuguesa (e bastantes mesmo da colloquial de nível médio) estejam eles documentados ou não na história do galego escrito. Com o mesmo criterio, que vou defender sibilamente no prefacio como a única maneira de restabelecer a nossa identidade idiomática, elimino draconianamente todo vocábulo culto espanhol que não exista no português escrito, e naturalmente todos os castelhanismos flagrantes que eivem afala citadina, e mesmo a rural, da Galiza. Espero que na altura em que o abra estiver pronta (primavera de 1981?), as coisas estarão muito mais avançadas na direcção certa, que é a nossa, e que os inimigos do futuro do galego como língua de cultura, que são os de sempre, agora mascarados de "indigenistas", se encontrarão bastante enfraquecidos. Se houvesse ainda dificuldades, que espero não haja, sempre se poderá publicar como parte da Colecção Noroeste.

Esperando ter o prazer de novamente "interlocutarmos" no Bosso Leão de Ouro em ocasião não longínqua, e esperando também entuquarar a conveña epistolar, mandas-lhe um forte abraço luso-galego o muito amigo Eusebio da Cal

P.S. Recebi também uma carta amorosa do aurno Anre Luis Rodriguez da que lhe falei na minha proxima missiva.

Ernesto Guerra da Cab

"Melrose"

Av. D. Nuno Álvares Pereira, 33-A

2765 Estoril

Portugal

18 de Setembro de 1981

Querido Amigo:

Recebi hoje a sua carta, que me encheu de alegria. De facto chegou quando eu ia ligar para Anadia, para saber da sua saúde e das causas do seu silêncio, que me preocupava.

Igualmente não deixou de me alegrar a notícia da sua peregrinação jacobea, pelo que ela supõe de boa disposição de espírito e de corpo. Que Deus (ou os Deuses, - seria tão bom que houvesse mais de um!) lhe conservem a "mens sana in corpore sano", para bem seu, e meu, e da Galiza. Vai ver o alvorecer da Galiza nova, pela que, como eu, tanto sonhou e pela qual tanto fez durante toda uma vida - e ainda há de fazer, abofé, como se diz na minha Terra, nossa Terra!

Há ainda poucos dias, depois do meu retorno da Inglaterra, onde a minha Mãe, que é de pai inglês, têm uma irmã em Londres e parentes espalhados até ao País de Gales e por onde viajamos durante quase dois meses - vieram visitar-me dois garotos: um rapaz e uma rapariga - ela de 29 anos e ele de 32. Talvez os conheça de nome, pois são muito activos militantes do nacionalismo. Ele é professor liceal de Galego e ela de Castelhana - ambos ferrenhos, ambos "reintegracionistas", transbordantes de fé e optimismo sobre o futuro da língua. Por isso não me surpreende nada que a mocidade universitária santiagouesa ouvisse com especial receptividade o que o meu amigo e o Carvalho Calero tinham a dizer (da sua palestra, a citação das "Estâncias" do Fialho foi para mim de particular satisfação, visto ter eu aludido de passagem a essa compreensão galaico-portuguesa da parte do autor do País das Uvas, num dos artigos do Dicionário do Prado Coelho). No parágrafo final, com a sua rotundidade fraterna e com o belo neologismo galeguia, bem mais poético e expressivo que galeguidade, que também é afinal neológico, de cunhagem recente. Agradeço, portanto tanto a sua carta, que me tranquilizou, como o xerox da palestra. Bem haja!

Também hoje acabei eu de dar os últimos toques a um poema-panfleto ou "Ode panfletária", - a vida tem extranhas coincidências! - que a visita daqueles dois moços provocou, levando-me a compor um poema de luta, clima esse, objectivo, que rara vez aflora na minha poesia, mais dada a um pendor intimista, como o meu Amigo sabe. Junto aqui uma cópia. Diga a sua justiça, tão importante para mim, pois não reconheço juiz lírico de mais alta instância do que o Mestre Lapa. Mandeí o original, dedicado, aos dois jovens. Tenho a impressão, de que a impressão desse "Cento de Fadas" na Galiza de hoje levaria a processo à revista que se atrevesse a publicá-lo. Talvez "A Nossa Terra", que já tem varios processos pendentes se atreva. Veremos. Se o meu Amigo acha bom, eu tentaria a sua aparição em alguma revista portuguesa. Diga o seu parecer. Foi também morro de saudades dos nossos papos do "Leão de Ouro". Quando é que aparece por Lisboa? Na próxima visita, a Elsie e eu teríamos grande prazer na sua companhia e na da sua Mulher, que tanto a minha como eu desejamos vivamente conhecer. Escreva logo.

Seu sempre admirador, discípulo e mt-
amigo Ernesto Guerra da Cab

P.D.: É capaz de me enviar o endereço do Pe. Martinho Saufalva, quem manda-lhe a ode panfletária e vejo que o cartão dele sumiu, não é? Meus ficheiros.

Ernesto Guerra da Cal

"Melrose"

Av. D. Nuno Álvares Pereira, 33-A

2765 Estoril

Portugal

5 de Outubro de 1981

Meu querido e admirado Amigo:

Recebi, na sexta-feira passada, a sua generosa carta que me encheu de emoção. E hoje, 5 de Outubro, data bem significativa para todos os galaico-portugueses, apresse-me a lhe responder, sensibilizadíssimo pelo pedido que me faz, que tão altamente me honra. Eu não poderia nunca de maneira alguma substituir o meu bom Amigo no posto de Porta-Bandeira da causa do reintegracionismo galego-português nesta terra, da que como galego sempre me considereí parte e à defesa e expansão de cujos valores dediquei o melhor do meu esforço "in partibus infidelium" durante os quase 40 anos da minha vida de educador nos U.S.A.-e por todos os outros cantos do mundo por onde passei. Eu faço neste dezembro vindouro 70 anos, o meu Mestre tem 84, gloriosos, nessa Cruzada. Nestas idades ninguém sabe o que as Percas nos têm reservado e qual dos dois entregarei antes a sua moeda de passagem a Caronte. Mas, se isso lhe der qualquer índole de tranquilidade, saiba que eu, se por cá ficar após à sua partida, tudo farei, dentro dos meus préstimos, tão inferiores aos seus, para desempenhar com a maior dignidade de que eu for capaz, as funções de substituto que tão generosamente me atribui. O ponto, como o meu Amigo diz, é agora crucial nessa labuta; muitas coisas novas estamos vendo, que nunca poderíamos ter sonhado, e muitas mais vamos ainda ver. Por tanto não tem cabimento falarmos em morte. Nos anos que aí vêm temos os dois muita coisa a fazer para deitar os alicerces dessa senhada Portugaliza, que um dia, tenho a convicção, tornar-se-á realidade.

Foi essa convicção a que me levou, pondo de parte o natural pendor intimista da minha obra poética anterior, a enfiar pelo caminho de Curros e Guerra Junqueiro, a pedir ao Numem inspiração - a pouca ou muita que ele me conceder - para entrar na batalha para a união dos nossos Povos que são, pese a quem pesar: UM. A nova direcção já estava marcada no poema que tive a honra de lhe dedicar e que o COLÓQUIO - LÉTRAS - no sentido de abandonar o 'castelo interior' e descer à liça atacando os totalitarismos anti-humanos de todos os sinais. É um terreno novo para mim, no que entro inflamado de novo entusiasmo, mas sem aquela certezazinha de estar a bater certo que tinha no clima de LUA DE ALÉM MAR e RIO DE SONHO e TEMPO. O meu Amigo é que me pode aconselhar e guiar, com a autoridade fraterna da sua finura crítica. Este tipo de criação poética sae-me tumultuosa - "mutatis mutandis", como as Odas Modernas do Antero. E custa-me fechar a torneira. Sabia, já antes de o meu amigo indicar-me, que o poema é demasiado longo. Porém não consigo encontrar lugar para lhe meter a tesoura - sem deturpar-lhe o completo sentido, que é também, "Pessoalmente", "o sentido per min quando o compus". Peço-lhe por favor para me dar a sua justiça, que neste caso tem que vir de fora e de pessoa como Mestre Lapa, que fora da Elsie, é o único de quem peço e tomo conselho nestas matérias. Além de que neste caso entra um, ou varios factores de eficácia pragmática, por tratar-se de poesia de combate, dirigida a uns fins que não são totalmente artísticos. Por isso fiz certas concepções, como não poderá deixar de ter percebido, na grafia, que não é totalmente "a nossa". (Sobre este ponto quero também a sua opinião). Corrige os dois lapsos apontados - a pressa é tão traidora! Assim bem como pus um (;) entre "insubmissa/ e a violência demente.."

Faltem-me apenas os endereços do Carbalho Olaero, da Mãe Teresa Barro e Ricardo Palmás. Acna que poderia mandar cópias ao Francisco Del Riego, ao Pinheiro e a o Franco-Grande?

Com recomendações da Elsie e minhas à sua
Mulher vai um forte abraço do seu devoto e
dedicado amigo Ernesto Guerra da Cal

Ernesto Guerra da Cal

"Meloso"

Av. D. Nuno Alvares Pereira, 23-A

2765 Estoril

Portugal

14 de Janeiro 1984

Querido Amigo e Mestre:

Venho agradecer muito profundamente as suas Razões, que - por aquela velocidade com que os correios agora nos mimosiam - chegaram às minhas mãos apenas na quinta passada.

Muito motivo tive sempre e tenho para ser seu sincero admirador, profissional e pessoalmente. A eles ricamente se acrescentam estas Razões que me revelam em pormenor factos que eu ou desconhecia, ou conhecia imperfeitamente. Nestas memórias está de corpo inteiro o lutador pela justiça e pela liberdade, sem desfalecimentos, que sempre prezei como exemplo. Além disso este livro mostra a faceta de brilhante e temível polemista que na sua obra de "scholarship", já se vê, está aqui e além insinuada.

Muito, muito obrigado pelo enriquecimento que este livro me propiciou.

Seu amigo certo e

Mtº dedicado
Ernesto Guerra da Cal

P.S. Será que terei quando o tempo estiver mais "camarada" o prazer dum dos nossos alunos no "Leão de Ouro"?